

(In *Congresso Internacional sobre o Português: Actas*, vol. I-III, Inês Duarte e Isabel Leiria (orgs.). Lisboa: Associação Portuguesa de Linguística e Edições Colibri, vol. II, 1996)
<http://www.apl.org.pt/>

“Uma avaliação socio-linguística sobre São Tomé e Príncipe”

Gerardo Augusto Lorenzino

1.0 Introdução

Este trabalho foi dividido em duas partes. A primeira que será descritiva pela escassez do que até agora se tem escrito sobre São Tomé e Príncipe (STP), sublinhará os processos sociais e históricos que influenciaram a configuração linguística de STP. Mais especificamente, nós analisaremos pormenorizadamente dois eventos que tiveram consequências linguísticas importantes:

(1) A economia açucareira de STP, dependia estritamente de uma abundante mão-de-obra, o que possibilitou o contacto entre portugueses e escravos. Essa estrutura económica permitiu a formação de uma matriz social que desfavoreceu a transmissão normal das línguas maternas. Em vez disso, novas conductas linguísticas deram lugar à génese de três línguas crioulas, **Lungwa Santomé** (ST) ou crioulo de São Tomé, **Lungwa Ié** (PR) ou crioulo de Príncipe e **Lunga Ngolá** (AN) ou crioulo dos Angolares.

(2) Apesar da escravidão ter sido abolida nas colónias portuguesas em 1858, um decreto real (1869) forçava os escravos libertos ou forros a permanecerem nas roças mais outros nove anos (Da Costa 1983). Mas, em 1875 os libertos abandonaram as roças o que levou aos roceiros a procurarem mão-de-obra nas outras colónias. Foi assim que aconteceu

para STP o segundo cataclismo demográfico, quer dizer, o contrato de serviçais em Angola, Moçambique e Cabo Verde.

Portanto, esses dois eventos (escravidão e migração dos serviçais) serão analisados neste artigo numa perspectiva socio-linguística, procurando avaliar-lhes no seu grau de influência na distribuição das línguas de STP, o que será o objectivo da segunda parte desta pesquisa.

2.0. Escravidão e migração de serviçais em STP

2.1. Escravidão: uma nova tríade crioula

Nos primeiros séculos depois de ser descoberta STP recebeu uma grande quantidade de escravos; alguns deles foram destinados ao trabalho agrícola nas roças que iam-se estabelecendo em São Tomé mas, na sua maioria, continuaram rumo às Índias Ocidentais (Tenreiro 1961:59, Pelissier 1979:216). Os escravos foram trazidos dos centros esclavagistas de Benin e do Congo que, por volta dos séculos XVI-XVII, tinham o monopólio do comércio.

A origem e desenvolvimento das três línguas crioulas devem ser estudados dentro deste quadro de movimento de população. O nosso interesse na linguística do golfo da Guiné originou-se com a questão dos processos e factos catalisadores da diversificação linguística de STP.

Neste trabalho daremos preferência a uma definição historicista das línguas crioulas: "creoles are creoles because of their history" (Singler 1990:645), quer dizer, o que faz possível a sua classificação como línguas crioulas é simplesmente o conhecimento

histórico a priori que delas temos. Daqui a necessidade de pesquisar em primeiro lugar as determinantes socio-históricas que poderiam ter propiciado a evolução das línguas em STP.

2.1.1 Lungwa Santomé

É o crioulo com maior número de falantes. O seu prestígio deve-se a ter sido à língua dos mestiços que atingiram um influente status socio-económico quando converteram-se em proprietários de terras e escravos. A sua identidade como grupo consolidou-se durante o interregno dos séculos XVI-XVIII, quando Portugal mudou os seus interesses coloniais para o jovem Brasil. Foi assim que STP ficou fora dos interesses de Portugal, o que favoreceu a ascensão e consolidação dos mestiços ou filhos da terra como novo referente social. Neste período catalisou-se também a nativização do ST e o seu uso como língua franca para a comunicação de escravos entre si. A ascensão social dos filhos da terra acima mencionado deve ter sido um elemento importante na difusão do ST para os outros grupos.

Por não possuírem o capital indispensável para o cultivo do café, nas primeiras décadas do século XIX muitos filhos da terra, sem o capital necessário para realizar semelhante empresa, tiveram de vender as suas terras aos portugueses. Isso implicou para os filhos da terra a mudança de uma posição privilegiada mantida quase desde a época da colonização de STP. De tal maneira que nesta nova ordem socio-económica os portugueses tornaram-se donos das roças e os filhos da terra mantiveram uma consciência de classe que serviu-lhes para preservar a sua identidade de grupo e também como mecanismo diferencial entre eles e os escravos.

2.1.2 Lungwa Ié

É o crioulo da ilha de Príncipe (ié < ilha). Príncipe foi povoada com escravos de São Tomé nos inícios do século XVI mas, ao contrario desta, Príncipe não conheceu as confrontações entre os vários grupos influentes (Igreja, roceiros, funcionários portugueses) que dividiram a sociedade são-tomense desde o princípio.

Quanto ao crioulo de Príncipe, é provável que a sua génese tenha sido promovida com a chegada de escravos directamente do continente para quem ST se convertiria em modelo linguístico. Além disso, é preciso sublinhar a convergência linguística como outro factor importante na formação de PR, tanto mais que os dois crioulos, PR e ST, compartilharam as mesmas línguas durante os seus períodos formativos, v. g. português, línguas bantu e kwa. Portanto, não é raro encontrarem-se afinidades estruturais nos dois crioulos; ainda mais, levando-se em conta que a história linguística do golfo da Guiné tem certas particularidades em comum que levam-nos a propor uma classificação conjunta de todos os seus crioulos dentro de uma área tipológico-genética.

2.1.3 Lunga Ngolá

Ao contrario dos outros dois crioulos, pouco se sabe sobre a origem dos angolares (Castelo-Branco 1971). É possível que eles sejam descendentes de escravos fugidos das roças em meados do século XVI. Os angolares viveram quase independentemente, à margem do sistema esclavagista de uma economia baseada na pesca e de uma agricultura em pequena escala. Uma organização social fechada e

integrada favoreceu a formação de uma identidade angolara distinta, para o qual a sua língua foi um elemento importante. Não obstante, uma transformação de consequências negativas para as comunidades angolares situadas no sudeste da ilha foi a sua dispersão em meado do século XIX (Tenreiro 1961:134, Gomes Dias e Nascimento Diniz 1988:69). Essa descentralização dos angolares expos-lhes à cultura e ao crioulo são-tomenses, que possui mais falantes. A este processo de mudança cultural os angolares chamam-no bilá folo (Almeida 1956:21) e, ao seu efeito linguístico, 'falar um angolara claro', isto é, um AN influenciado por ST (veja-se 3.0). De facto, manter o seu crioulo por causa da dupla pressão do português e ST, é especialmente difícil para aqueles jovens angolares que emigraram para cidade nas últimas décadas.

2.2 Migração dos serviçais: as línguas dos tongas

Um segundo evento determinante na história de STP foi a contratação de trabalhadores provenientes de Angola, Moçambique e Cabo Verde, processo que durou quase um século, desde 1870 até fins de 1950. Os dados estatísticos mostram claramente a magnitude numérica desta migração moderna para STP (Morgado 1957, STP 1987). Num país aonde chegaram serviçais em tão grande número que, às vezes, eles somente duplicavam a povoação nativa, é preciso que perguntemos se tal mudança demográfica teve qualquer efeito para o uso e distribuição de línguas em STP. Propomo-nos apresentar um resumo contendo algumas considerações sociológicas em torno da situação das línguas dos serviçais e descendentes:

(1) Em primeiro lugar, à excepção dos cabo-verdianos com certa competência no português, além de falarem o crioulo, os demais serviçais só falavam línguas africanas (Clarence-Smith 1990:166).

(2) Os serviçais chegavam com contratos renováveis de cinco anos, embora só a partir de 1910 tenham começado a ser repatriados (Hodges e Newitt 1988:62) anulando-se assim a prática até então comum de renovar-lhes automaticamente o contrato (Clarence-Smith 1990:155).

(3) O elemento étnico desempenhou um papel relevante nos hábitos sociais dos trabalhadores contratados. Daqui que não fora raro ver moçambicanos compartilharem um batuque num domingo de descanso (Tenreiro 1961:191). Por vezes, no mesmo navio rumo às ilhas, os serviçais criavam afeições que se continuariam depois de arribarem, reconhecendo-se entre si dizendo 'ele é meu navio' (ibid.).

(4) Finalmente, os tongas, assim chamados os descendentes dos serviçais, tiveram de ficar nas roças aonde tinham nascido. Os tongas e o processo demográfico que lhes criou estão numa relação analógica com os forros e a escravidão, ambos grupos representando o *terminus a quo* que nós temos por assunto analisar neste artigo.

O contacto entre várias línguas nos tempos da escravidão deu lugar a um processo de crioulição das mesmas cujo efeito foi, como ficou acima mencionado, a criação de novas línguas ou crioulos. Mas, o que foi que aconteceu linguisticamente nos últimos cem anos de migração? Desenvolveram os tongas um crioulo ou crioulos distintos? Exerceram alguma mudança em ST durante o seu aprendizagem de forma que ST possa ter sido re-estructurado? Infelizmente, as informações de que dispomos sobre as línguas tongas são limitadas. Rougé (1992)

fez o primeiro estudo sobre as línguas africanas (kimbundu, umbundu) conjuntamente com uma descrição do português falado pelos tongas.

Em síntese, o português tonga tem muitos traços que também existem no português são-tomense ou "português aéreo" falado por uma grande parte da povoação, v. g. simplificação de grupos consonânticos, alternância de [l] e [r], redução do sintagmas nominal e verbal, etc. A respeito das línguas africanas ainda mantidas entre os tongas é possível observar certa simplificação no sistema de classes. Em (1) o gradual desaparecimento da língua, inclusive nos falantes tongas mais velhos, mostra-se em okima/akima que tem o prefixo ki- incorporado (lexicalização) na palavra ma 'coisa' mais os prefixos de número o/a (classe I, nomes: [+ humano]), v. g. okai/akai 'mulher/mulheres'.

(1) umbundu: ki-ma/e-ma 'coisa/-s'

umbundu-tonga: okima/akima

O seguinte exemplo indica a productividade da regra o/a para empréstimos do português ao umbundu-tonga:

(2) umbundu-tonga: ofolha, ogrão

Gostaríamos de encerrar esta introdução socio-histórica sobre STP com um juízo feito pelo geógrafo são-tomense Francisco Tenreiro (1961:158) sobre a sociedade do seu país:

" Desde já existem dois mundos: o do pessoal sevil, sempre africano, e o de pessoal de mando, predominantemente europeu."

3.0 Uso e distribuição das línguas em STP

O leit-motif resumido em 'quem fala qual língua para quem e para qual fim' (Fishman 1972), característico da pesquisa socio-linguística, tanto mais tratando-se de aplicações no campo de multilinguismo, será apropriadamente o guia de nossa investigação preliminar no que diz respeito ao uso e distribuição de línguas em STP. Especificamente, vamos dar aqui o marco descritivo que será expandido em outros trabalhos futuros. Sob risco de simplificar o problema apresentamos uma lista reduzida de categorias que se relacionam com a dinâmica socio-linguística dum país:

- (1) quantidade de falantes por língua
- (2) status: o reconhecimento de uma língua nos diferentes níveis, v. g. oficial, regional, nacional, etc.
- (3) função: um conjunto de situações ligadas pelo uso da mesma variedade de linguagem (Fishman 1972), v. g. formal vs. informal, intra- vs. inter-comunicação social, etc.
- (4) atitudes: culta vs. popular, linguagem vs. dialecto, crioulo vs. não-crioulo, etc.

De maneira nenhuma esta é uma lista de categorias discretas, sem admitir gradação. Por exemplo, os angolares idosos que moram nas suas comunidades de pescadores, relativamente isoladas e longe da capital, mostram uma maior competência em AN do que angolares mais jovens vivendo perto da capital ou em comunidades com grande número de forros. Também, função e tipo linguístico podem ser correlacionados já que utiliza-se o português num contexto formal enquanto os crioulos são restringidos ao contexto informal (casa,

amigos, etc.). Tal co-relação entre função e tipo de língua já foi demonstrado na diglossia francês-crioulo haitiano (Ferguson 1959) e, mais recentemente, para os crioulos do Caribe (Stewart 1962).

3.1 ST em relação a AN e PR

ST é o crioulo com o maior número de falantes; além disso, a sua continuidade histórica e predominância, em parte atingida através dos filhos da terra e círculos intelectuais (Stockler, Bragança, Espírito Santo), que se dedicaram, embora esporadicamente, a escrever na "língua da terra", tudo isso fez com que ST seja actualmente a língua de inter-comunicação para todos os grupos. Por esta razão, ST tem sido uma das duas línguas nacionais (a outra é PR) desde a independência em 1975. O uso de ST e PR nos meios de comunicação limita-se a breves informativos no rádio enquanto o português, sendo reconhecido como a língua oficial, estende-se à televisão, rádio e jornais.

No que diz respeito ao contacto de línguas em STP, os dados socio-linguísticos reunidos em recenseamentos feito no período colonial são insignificantes (Anuario Estatístico do Ultramar), especialmente porque os crioulos nunca foram incluídos. O primeiro recenseamento de 1981 (STP 1987) é mais completo do ponto de vista socio-linguístico por ter relevado alguns dados sobre os crioulos tal como o número de falantes por crioulo, idade e distribuição geográfica. Este recenseamento indica as seguintes tendências e padrões sobre a distribuição de línguas em geral e, se bem que limitadamente, o grau de expansão de ST sobre as outras línguas (AN, PR, línguas dos tongas):

(1) Não há nenhum parâmetro directamente relacionado com multilinguismo, se bem que isso seja facilmente deduzido pois a população total é sempre inferior ao número de falantes de ST, PR e "outras línguas" combinados.

(2) AN não foi considerado no recenseamento de modo que angolares talvez tenham sido incluídos como falantes de ST ou outras línguas.

(3) Podemos oferecer um cálculo estimativo para os falantes de AN a partir de dados demográficos do recenseamento para comunidades angolares estudadas durante o nosso trabalho de campo em STP, v. g. Santa Catarina, Ribeira Peixe, São João dos Angolares, etc. O número de falantes de AN seria cerca de 5000.

(4) É preciso sublinhar o alto número correspondente às outras línguas; é possível que eles sejam tongas, falantes de línguas africanas em vista de que só os residentes que estavam a viver permanentemente em STP foram recenseados, ignorando-se os serviçais.

(5) PR tem a menor quantidade de falantes, ainda em Príncipe mesmo (836/5255 ou 15,9%).

(6) Existe nas gerações mais jovens um crescimento relativo no número de pessoas que falam português e ST mas, ainda não podemos afirmar com certeza se isto se traduz numa tendência decrescente para ST.

Não obstante a pressão de ST para os angolares e principenses que emigraram para a cidade, AN tem-lhes ajudado a manter a rede social de grupo e funcionado para veicular solidariedade. Assim, os pescadores angolares que estão a trabalhar e a morar nos arredores da capital do distrito de Água Grande, agrupam-se numa sociedade angolar (da Costa, com. pers.) na qual amizade, interesses comuns e vínculos laborais estabelecem pautas sociais favoráveis à manutenção de AN.

De qualquer maneira, factores tais como população reduzida, educação, maior contacto com outros grupos e miscegenação, especialmente quando as crianças crescem a falar ST e português, poderão ser causa de uma retracção de AN e PR a favor de ST.

Além de dados extra-linguísticos, a possível conexão histórica entre os três crioulos é verificável linguisticamente ao nível lexical, fonológico e morfo-sintáctico. Com tudo isso, os falantes recorrem a certos traços linguísticos ou variáveis socio-linguísticas para transmitir a identidade de grupo. Em (3) a inter-dental fricativa /θ/ em sílaba inicial, a simplificação do grupo consonântico /tl-/ e o numeral kwin 'dez' derivado do kimbundu, formam uma classe de indicadores socio-linguísticos em AN cuja função é a distinção de ST.

(3)

AN: ami taba loθa kwin anu.
 ST: ami tlabá losá dexi anu.
 PR: ami tobya loza dexi anu.
 'Eu trabalhei na roça dez anos.'

O exemplo (4) amostra a variante angolara falada pelos angolares jovens vivendo perto da cidade. Este exemplo, resultado de uma conversa que nós tivemos com um pescador angolara de 34 anos que mora há cerca de dez anos perto da cidade, tem o grupo /tl-/ de ST mas, ainda ele conservou o som /θ/ e a partícula wa 'não' em posição final de oração que contrasta com ST fa. Pelo contrário, a estrutura negativa em PR tem simplesmente um fa final, mas não o na pre-verbal característico de AN e ST.

(4)

AN: ami na me_e t_laba loθa wa.
 ST: ami na mese t_laba losa maxi fa.
 PR: ami mese tobya loza fa.
 'Eu não quero trabalhar na roça.'

3.2 ST em relação às línguas tongas

A influência de ST sobre as línguas tongas representa provavelmente uma situação semelhante àquela descrita para AN e PR. Infelizmente, o escasso conhecimento sobre os tongas leva-nos a ter uma maior precaução no que diz respeito à certeza das conclusões elaboradas nesta parte da nossa pesquisa.

Para os tongas, a mudança para ST a partir das línguas africanas (*language shift*) pode ter começado há uma ou duas gerações pois há falantes de 60 anos, bilíngues em ST e kimbundu; ao contrário, o kimbundu ou qualquer das outras línguas africanas faladas por tongas mais novos, 25 anos ou menos de idade, pareceriam estar a atravessar um processo de desaparecimento da língua (Rougé 1992). No momento, existem algumas questões sobre dois determinantes complementares na descrição do uso de línguas entre os tongas:

- (1) Quantos tongas aprendem ST e como o aprendem?
- (2) Têm-se produzido mudanças em ST introduzidas por tongas, ora durante a sua aprendizagem do crioulo, ora através de empréstimos numa situação de contacto?

A avaliação das seguintes considerações sugere uma base social e atitudes linguísticas favoráveis a uma separação relativa entre os tongas e a comunidade de falantes de ST:

- (1) A situação socio-linguística dos tongas poderia ser caracterizada como a de um bilinguismo estável para o qual contribuíram dois

factores: um sistema de roças, estabilizador social das demarcações linguísticas entre os tongas e os forros e, segundo, uma maior "distância tipológica" (Thomason e Kaufman 1988:72) entre as línguas africanas dos tongas e ST, em comparação ao ST e os crioulos de AN e PR. Neste ponto, não deixa de ser interessante notar o facto de atitude de muita gente em STP descrever aos crioulos como "dialetos" e às línguas tongas como "pesadas", isto é, difíceis de aprender.

(2) Em segundo lugar, uma maior experiência no trabalho agrícola assim como terem nascido na "terra" permitiu aos tongas ocuparem uma posição intermediária na organização das roças, acima da maioria serviçal. Após serem libertados e terem abandonado as roças, os forros adoptaram um sentimento de desprezo para com o trabalho das roças, em breve assumido pelos tongas e, por conseguinte, uma certa animosidade para com eles. Nesse ponto o status social dos tongas estava muito longe de lhes favorecer como agentes de mudança linguística do ST. Esta situação tem existido até agora, porém a independência trouxe consigo um esforço do governo para melhorar as relações entre forros e tongas (Nazare Ceita 1991:35).

(3) Alfabetização e comunicações também tiveram um papel influente no uso do português em STP; a sua distribuição funcional, não obstante, não está a interferir com aquela de ST. Além disso, uma urbanização incipiente e uma restrita mobilidade social desalentaram a redução da compartimentação social. O português é a língua do governo, da educação e dos meios de comunicação. Também, quando alguém quer exprimir superioridade fala português em situações onde só ST seria aceitável. Por exemplo, muitas vezes são-tomenses que viveram em Angola continuam a falar português, evitando ST, para evidenciar

assim o prestígio social e as prerrogativas económicas que viajar lhes deu. Os argumentos aduzidos acima sugerem um contexto social mais afim a mudanças linguísticas em ST por influência do português do que das línguas tongas.

3.3 O português são-tomense

Desde o começo o governo de STP percebeu a importância do português como factor unificador para os vários grupos da sociedade: forros, angolares, principenses e tongas (Espírito Santo 1985:25). Tal como aconteceu com outras línguas europeias na África colonial, o português converteu-se numa língua com fins nacionalistas (*nationist function*) (Fasold 1984:74) pela sua utilidade para administrar o novo estado, especialmente tendo em conta o uso administrativo do português ao longo do domínio de Portugal. Mas, ao português faltava-lhe ser símbolo de identidade nacional o que possivelmente acabou por lhe reduzir a sua eficácia para juntar todos os grupos.

O português são-tomense mostra algumas características diferenciais do europeu. O exemplo (5) forma parte do repertório linguístico chamado "português aéreo" ouvido na cidade de São Tomé.
(5)

5.1 Fonologia (português são-tomense:PST)

5.1.1 Palatalização

1. [d] > PST [j]: sau[j]i
2. [t] > PST [č]: quen[č]i
3. [s] > PST [š]: convivên[š]a

5.1.2 Alteração de [l] e [r]

1. p[r]antação
2. ga[r]linha

5.1.3 Estrutura silábica CV

1. pisigui (perseguir)

5.2. Morfologia

5.2.1 Sintagma verbal

1. Eu ñõ é mesti
2. Eu sabe jogar (presente indicativo)
3. Eles ñõ prisigui minha galhina (pretérito perfeito)

5.2.2 Artigos

1. --- nome do branco é Tirifán

5.2.3 Marcação de caso

1. Voce encontra ele sentado sozinho

5.3 Sintaxe

5.3.1 Reflexivos

1. Como --- chama compadre?
2. Perde--- no mar

5.3.2 Dupla negação

1. Nõ gosto muito ñõ

5.4 Interferencias por causa de ST

5.4.1 Marcação pré-verbal

1. So 'sim ska ba coisa
'as coisas vão mais ou menos'

5.4.2 Decalque semântico

1. PST: Ter _a recordaçõ na cabeça ('lembrar')
2. ST: te clonvesa n' cabesa

Conclusão

Neste artigo temos procurado dar uma descrição e uma análise preliminar sobre o uso e distribuição linguística em STP. O contacto de línguas que é característico em outras sociedades multilingues, apresenta neste país do golfo da Guiné três dimensões segundo o tipo de línguas: (1) contacto crioulo-crioulo (v. g. AN-ST), (2) contacto crioulo-português (v. g. ST-português) e (3) contacto português-tonga (v. g. português-kimbundu).

O crioulo da maioria da população (ST), associado historicamente à formação da sociedade são-tomense e, mais especificamente, a uma minoria poderosa (filhos da terra), é a língua materna para uma grande parte da população (forros) e, também, funciona na comunicação

entre grupos; mais dois crioulos, AN e PR ambos tendo uma origem ligada ao ST, estão a ceder no número de falantes por causa de um movimento de expansão de ST.

Com a independência de STP houve um esforço para integrar os distintos grupos (forros, angolares, principenses e tongas). Para isso, o uso do português foi promovido nas áreas de governo, educação e comunicação. As crianças aprendem o português na escola mas falam crioulo em casa. O relevo social de ST ao nível supra-comunitário possivelmente é uma força que tem detido o avanço do português sobre esse crioulo (de-crioulização). De qualquer maneira será preciso no futuro refinar as nossas pesquisas e tornar-las mais quantificáveis com o fim de avaliar as predições aqui formuladas.

Bibliografia

- Almeida, António de. 1956. Contribuição para o estudo da etnologia física dos "angolares" (Ilha de São Tomé). Em *Actas da Conferência Internacional dos Africanistas Ocidentais*, São Tomé, vol. 5. Portugal: CCTA, pp. 11-20.
- Anuario Estatístico do Ultramar*. Lisboa: Instituto Nacional de Estatística.
- Castelo-Branco, Fernando. 1971. Subsídios para o estudo dos "angolares" de S. Tomé. *Studia* 33:149-59
- Clarence-Smith, W. G. 1990. The Hidden Costs of Labour on the Cocoa Plantations of São Tomé and Príncipe, 1875-1914. *Portuguese Studies* 6:152-172.
- Da Costa, Fernando Ferreira. 1983. A escravatura em Africa nos séculos XV e XVI. *História* 54:43-54.
- Espirito Santo, Carlos. 1985. Situação actual da Língua Portuguesa nas ilhas de S. Tomé e Príncipe. Em *Congresso sobre a situação actual da Língua Portuguesa no mundo*, vol. 1. Lisboa: Instituto de Cultura e Língua Portuguesa, pp. 253-260

- Fasold, Ralph. 1984. *The Sociolinguistics of Society*. Oxford: Basil Blackwell.
- Fishman, Joshua. 1972. *Language in Sociocultural Change*. Stanford: Stanford University Press.
- Gomes Dias, Alfredo & Augusto do Nascimento Diniz. 1988. Os Angolares: da autonomia à inserção na sociedade colonial (segunda metade do século XIX). *Ler História* 13:53-75.
- Greef, Richard. 1882. Die Angolares: Neger der Insel São Thomé. *Globus* (Illustrierte Zeitschrift für Länder- und Völkerkunde) 42:362-364 e 376-378.
- Hodges, Tony & Malyn Newitt. 1988. *São Tomé and Príncipe: From Plantation Colony to Microstate*. Boulder & London: Westview Press.
- Morgado, Nuno Alves. 1957. Contribuição para o estudo do problema demográfico de S. Tomé e Príncipe. *Garcia de Orta* 5:633-658.
- Nazare Ceita, Maria. 1991. *Ensaio para uma reconstituição histórico-antropológica dos angolares de S. Tomé*. Lisboa: Centro de Estudos Africanos.
- Pélissier, René. 1979. *Le naufrage des caravelles*. Orgeval: Pélissier
- Rougé, Jean-Louis. 1992. Les langues des Tonga. Em Ernesto d'Andrade e Alain Kihm (eds.), *Actas do Colóquio sobre 'Crioulos de Base Lexical Portuguesa'*. Lisboa: Colibri.
- São Tomé e Príncipe*, 2 vols. 1987. Recenseamento Geral da População e da Habitação (1981). Lisboa: Instituto Nacional de Estatística.
- Singler, John. 1990. On the use of sociohistorical criteria in the comparison of creoles. *Linguistics* 28:645-659.
- Stewart, William. 1962. Creole Languages in the Caribbean. Em Frank A. Rice (ed.), *Study of the Role of Second Languages in Asia, Africa, and Latin America*. Washington, D.C.: Center for Applied Linguistics, pp. 34-53.
- Tenreiro, Francisco. 1961. *A ilha de São Tomé*. Lisboa: Junta de Investigações do Ultramar.
- Thomason, Sarah Grey & Terrence Kaufman. 1988. *Language contact, creolization, and genetic linguistics*. Berkeley: University of California Press.

